

O zelo apostólico de uma leiga fascinada por Maria

A atividade de difusão da espiritualidade mariana entre os leigos/as por parte de Irmã Maria Dolores no 91º aniversário do seu nascimento ao céu (29 de dezembro de 1928-2019).

O historiador Pacífico M. Branchesi osm, que editou as origens e o desenvolvimento da nossa história congregacional, afirmou que: «Na história da espiritualidade mariana, Maria Dolores ocupa um lugar de destaque» e padre Fernando de Riese, capuchinho, havia escrito precedentemente: «Na história da devoção mariana, ela acendeu uma luz nova e intensa»,² que a tornou «uma figura em primeiro plano».³ Este fato é confirmado através de um fragmento das suas páginas marianas, que se encontra relatado nos *Textos marianos do segundo milênio*.⁴

Maria Inglese nasceu em Rovigo, no dia 16 de dezembro de 1866 e faleceu em Rovigo, no dia 29 de dezembro de 1928. Também, em 29 de dezembro de 1911, ingressou entre as Servas de Maria de Ádria, Congregação fundada por madre M. Elisa Andreoli, recebendo o nome de Irmã Maria Dolores. No ano 2018, celebramos o 90º aniversário do seu nascimento no céu.

Antes de tudo, gostaria de colocar os quatro âmbitos de difusão valorizados por Maria Inglese, fazendo uma clarificação-consideração sobre o termo “espiritualidade mariana”.

Quando falamos de espiritualidade dizemos sempre algo que vem de dentro da pessoa, do coração, da mente, dos afetos, portanto, é a atitude de uma pessoa (homem ou mulher) que se dirige para um ser (Deus, a Virgem, os Santos). Por isso, no nosso caso, trata-se de uma atitude existencial pela qual o fiel dá à sua vida cristã uma direção particular.

Colocando o adjetivo qualificativo “mariana” junto ao termo “espiritualidade”, queremos indicar uma espiritualidade que faz referência à figura da Mãe do Senhor.

Trata-se de uma vida espiritual inspirada na vida de fé de Maria, de atitudes, de oração que têm como objeto a sua pessoa, a sua vida evangélica, a sua presença na história da salvação, no mistério de Cristo e da Igreja.

Maria Inglese era uma leiga fascinada pela Virgem Mãe, uma pessoa propositiva porque mulher espiritual e, por isso, capaz de um verdadeiro zelo apostólico, todo orientado para afirmar que «Maria é boa da bondade de Deus», e por isto ela exortava para «amá-la de grande coração» valorizando todas as ocasiões.

Sabemos que Maria Inglese, na sua juventude, viveu dois lutos significativos: a morte do pai e da irmã Clementina; experiências dolorosas que marcaram a sua vida aos dezesseis anos sensível, reservada e também frágil de saúde; de fato, ainda jovem adoece de tuberculose e fica afônica. Portanto, o componente da dor faz parte da sua vida e é por ela assimilado como «exigência de reparação».⁵

São particularmente três os âmbitos que Maria Inglese se serve, para a difusão da espiritualidade mariana: o trabalho, de costureira no seu caso, a oração e os escritos.

Viveu o trabalho con intensidade

Em 1961, Capomasi escreveu um artigo no Jornal *Osservatore Romano* de domingo, com o título: *Testemunha de Deus. Escolheu o seu caminho entre tesouras e agulhas; e, Fernando de Riese Pio X, no Semanal diocesano: La Settimana cattolica*, de 15 de dezembro de 1961, escreveu o artigo: *A Irmã Maria Dolores, natural de Rovigo, protetora da moda?*, onde enfrenta vários assuntos: o trabalho de costureira, moda e reparação, o apostolado da nova moda, protetora da moda? O Autor está convicto de que «é possível a combinação da arte e da moralidade e testemunhar aos seres humanos que o cristianismo tem o monopólio da verdadeira elegância». Trata-se de aprofundar a espiritualidade do trabalho, de cada trabalho.

Era o mês de fevereiro de 1899, quando Maria Inglese, imersa no seu empenho artesanal, ou seja, no seu *atelier*, em silencioso diálogo com a Virgem Mãe, teve a intuição da sua missão: difundir a reparação ao Coração doloroso de Maria. Ela, de fato, tendo vivido a sorte da maioria dos homens e mulheres do seu tempo, indicou o trabalho

como meio de reparação; convidou também fazer a oferta de uma hora das próprias ações como terceiro modo de reparação mariana.

Portanto, Maria Dolores é uma mulher que faz da sua vida uma harmonia de dom, dando a tudo uma única direção, ou seja, a reparação mariana: «Reparar: remendar, como na arte do ateliê de Maria Inglese, as orlas rasgadas da humanidade; reintegrar o ser humano separado de si mesmo, esquecido de si»,⁶ recuperar a beleza da imagem de Deus, com a qual foi criado.

Estimou e amou a oração

Por trás da hábil artesã, surge a fervorosa defensora da oração, pela qual se descobre animadora e *leader* carismática, buscando em toda parte e sempre mais longe, fiéis e devotos com os quais partilha o amor à Virgem Mãe, antes, contemplada como Nossa Senhora das Graças com a Pia União das Filhas de Maria, depois, Nossa Senhora das Dores com os terciários Servos de Maria.

A ideia da *Pia Obra Reparadora* é afirmada e difundida por Maria Inglese, primeiro, em lugares mais próximos, depois, naqueles mais distantes, até que a Providência, através da mediação de dom Tommaso Boggiani, bispo da Diocese de Ádria, a faz encontrar as Servas de Maria de Ádria, fundadas por Madre M. Elisa Andreoli. Sobre o encontro destas duas mulheres, celebramos, em 2011, o Centenário, exatamente com a insígnia de *Um encontro... muitos encontros*.⁷

As memórias autobiográficas de Irmã Maria Dolores têm frequentemente o tom e a índole de oração. A sua alma orante transparece nas páginas da *Autobiografia*: «Ó Maria, doce e querida Mãe, não volveis o vosso olhar materno para longe de nós porque somos filhos ingratos. Recordai-vos que viestes ao mundo não para os justos, mas para os pecadores; tende, pois, piedade de nós» (f. 94). E ainda: «Gostaria superar os montes, atravessar os mares. Gostaria de ser porta-voz em todos os povos da terra. Anunciar os desejos da Santíssima Virgem para eles» (f. 38). Nela, é evidente o anseio e o horizonte missionário da oração!

Através do *olhar* de Nossa Senhora das Dores, que “move os olhos” na igreja de São Michele em Rovigo, no dia 1º de maio de 1895, Maria Inglese intui o cuidado materno da Virgem Maria, lhe desperta a percepção de si, motiva a tomar consciência da história e dos seus males. Então, para ela, a oração reparadora é a melhor forma de participação nas dores do mundo, nos sofrimentos dos quais os seres humanos são ao mesmo tempo, autores e vítimas, protagonistas e escravos. Muitos que conheceram Irmã Dolores, ressaltam: «Era um prazer vê-la rezar!».⁸

Dedicou-se à difusão da espiritualidade mariana

Alguns dos seus escritos foram editados, outros inéditos; todos são úteis para compreender a vida e a espiritualidade da venerável. São constituídos por: opúsculos e livretos (entre estes *Quanto è bondosa Maria*, editado em Roma nos anos de 1899 a 1928); artigos na Revista periódica (1900-1928; recordamos que ela funda, em 1916, a *Paginetta della riparazione (Pequena Página da reparação)*, hoje *Riparazione mariana*); o *Epistolário* (1902-1928), interessante seja pelo número de pessoas que ‘habitam’ o mundo de Maria Inglese, como pelas notícias contidas no mesmo; a *Autobiografia* (1912-1923), cujo início é emblemático: «Quanto è bondosa Maria Santissima», e os *Pensamentos espirituais* (1916-1925), breves frases escritas na parte de trás de pequenas imagens sacras por ocasião do início da etapa do noviciado ou da profissão religiosa das co-irmãs.⁹

Não devemos esquecer que Irmã Maria Dolores foi Vigária geral das Servas de Maria Reparadoras. Pessoalmente, ela não se move de Rovigo, mas é pródiga de conselhos para as Servas de Maria Reparadoras “do além mar”.

Além disso, escreveu para as Filhas de Maria, a Pia União da qual era Presidente, a pessoas com responsabilidade eclesiais e religiosas, certa de que Nossa Senhora queria isto. Pessoa humilde, deixava-se guiar, submetia inspirações e sonhos ao seu confessor e diretor espiritual, **mons.**=dom (mi sembra che era un vescovo ed allora sarebbe “dom”) Ernesto Vallini.

No coração da sua atividade, dos seus escritos e das suas palavras, existe a convicção mais simples e verdadeira: «Jesus quer salvar a todos», em cada lugar e em cada tempo,

circunstância e situação da vida. Com seus escritos atinge milhares de pessoas, quer aproximar-se e mostrar a todos a humanidade de Maria, participa dos acontecimentos também dolorosos das mulheres e dos homens, a fim de proclamar que Maria é «boa na bondade de Deus»!

Como hábil comunicadora, ela o faz com uma linguagem simples e direta. Assim, a Virgem Mãe se torna presença familiar, presença que se coloca junto da humanidade que sofre.

Um aceno às *Cartas Seleccionadas* (1907-1928), publicadas pela Cúria geral das Servas de Maria Reparadoras em 2011 (**Traduzidas em português em 2014**). Aqui se pode notar o estilo comunicativo materno, afeituoso, decidido e libertador, de boa ‘companheira de viagem’, como sugere, hoje, o Papa Francisco (cf. *Evangelii gaudium*, n. 24). E não só; Maria Dolores é também uma boa orientadora espiritual, capaz de discernimento, inclusive vocacional (cf. *Cartas Seleccionadas*, 1922-1924, nn. 15.17.19).

Maria Inglese, ainda como leiga, suscita provocações em todos/as nós:

Como vivemos o nosso trabalho quotidiano, hoje tão complexo, às vezes intrigante e fonte de tanto *stress*? Como podemos evangelizar este aspecto, que atinge significativamente a dignidade do homem e da mulher? Como olhamos para aqueles e aquelas que hoje não tem trabalho e por isto sofrem?

E ainda: qual a profundidade da nossa oração, inclusive a oração mariana e reparadora? Procuramos nela somente o gosto pessoal, ou rezamos com uma dimensão missionária que abrange o mundo inteiro, os seus conflitos, seus interesses mais ou menos transparentes, as suas ansiedades e esperanças?

Nossas intenções na oração, são óbvias? Não poderíamos expressá-las a fim de torná-las mais conscientes, viver um agradecimento ao Pai providente e, por estas situações, nossa confiante intercessão seja dirigida também à Mãe de Jesus?

Esta, poderia ser uma tarefa específica para nos inserir no triênio de preparação ao Centenário missionário que, como Servas de Maria Reparadoras, Associados e Associadas, amigos e simpatizantes, celebraremos em 2021.

Maria Inglese, depois Irmã Maria Dolores da Reparação, acompanhe o caminho de busca de cada um/a de nós para acolher hoje o sentido de uma encarnação, do dom do Espírito que ela recebeu, viveu e transmitiu para a edificação do Reino, da qual Santa Maria é membro supereminente.

Maria Grazia Comparini smr

Assistente geral da Associação Nossa Senhora das Dores - Rovigo

- ₁ Pacifico M. Branchesi, *Maria Dolores Inglese: dalla contemplazione all'apostolato*, in *Riparazione mariana* 64 (1979), n. 2, pp. 20-21.
 - ₂ Fernando Da Riese Pio X, *Mariane anime riparatrici*, Rovigo 1958, p. 28.
 - ₃ Gabriele M. Roschini, "Con Maria e per Maria". *Cenni biografici della Serva di Dio suor M. Dolores Inglese delle Serve di Maria "Riparatrici"*, Roma 1955, p. 5.
 - ₄ Cf. Stefano De Fiores - Luigi Gambero (a cura di), *Testi mariani del secondo millennio*, Autori contemporanei dell'Occidente, secolo XX, v. VII, pp. 128-131.
 - ₅ Patrizia Paulatti, *Ricerche su fondazioni religiose: il "miracolo rodigino" di fine '800*. Tesi di laurea. Università degli studi di Padova, A. A. 1976-77, p. 89.
 - ₆ Maria Grazia Fasoli, *Maria Dolores. No segredo de um nome*, Centro mariano «Beata Vergine Addolorata», Rovigo 2005, Tradução, 2017, p. 13.
 - ₇ Cf. *Riparazione mariana* 97 (2012), n. 3.
 - ₈ M. Maura Muraro, *La preghiera come vita*, in *Riparazione mariana* 59 (1974), n. 5, p. 20.
- Cf. M. Rosaura Fabbri, *Maria Dolores Inglese: gli scritti*, in Maria Marcellina Pedico (a cura di), *Maria presso la croce. Volto misericordioso di Dio per il nostro tempo*. 3° Convegno mariano delle Serve di Maria Riparatrici, Rovigo, 12-15 settembre 1995, «Beata Vergine Addolorata», Rovigo 1996, pp. 320-329.